

DIRECTOR		EDITOR	
MARIO CASTELHANO		SILVINO DE NORONHA	
ASSINATURA			
INCLUINDO O SUPLEMENTO SEMANAL			
PAGAMENTO ADIANTADO			
Continente, colónias e estrangeiro	Meses	Preços	
Lisboa .....	1	9550	
Provincia .....	3	28550	
África portuguesa .....	6	66500	
Estrangeiro .....	6	102500	

## MACHIAVEL—NA RUA DA BARROCA

O *Correio da Manhã*, muito comprometido, muito aflito embora, falou—e falando, respondeu à nossa interrogação: não apoia, nem defende a República, mas apoia e defende a ditadura militar.

Nisto se resume a titubada resposta aos nossos ataques, que não tinham apenas o mérito do desassombro, visto que se apoiavam em factos e que os panegiristas do ex-rei D. Manuel e os restauracionistas da monarquia nem sequer ousaram referir-se, quanto mais contestar.

Porque se calam os demagogos da extrema direita? Não é o medo que lhes estrangula a voz na garganta, que lhes empena a pena. É a hipocrisia, é a velha atitude política que assumiram, a fim de conquistarem pela encruzilhada e por indignos atalhos a vitória que sabem impossível por processos dignos, devido a não ousarem lutar, frente a frente, com um povo inimigo dos fanatismos e de fanáticos, de tiranias e de tiranos e a quem desagrada visivelmente a implantação dum regime que faça da escravidão um sistema e do retrocesso violento da sociedade, um programa definido.

Se eles não apoiam, nem defendem o regime, como podem eles apregoar-se defensores duma situação que está, por meio dos seus mais categorizados representantes, afirmando, constantemente, em actos oficiais, a sua concordância com a república e o seu desejo de a defender, contra qualquer possível ataque? Esta grave, incoerência política dissimula mal, péssimamente mesmo, uma grande conveniência e uma tática que, após o drama revolucionário de Monsanto, ficou manchada não só por uma derrota vergonhosa, como pelo arrancar da máscara dos monárquicos que apoiavam o dezembrismo.

Monárquicos que não queiram implantar a monarquia não são monárquicos, são, quando muito, adesivos da república—da república que até lhes tem distribuído os lugares que mais podem assegurar a manutenção do regime.

Os monárquicos do *Correio da Manhã* são monárquicos autênticos que colocam, acima de tudo, como é lógico, como é fatal, a substituição deste regime que eles abominam pelo que eles dedicadamente trabalham para implantar.

O plano de apoio à ditadura militar é considerado, por eles, como uma necessidade imprescindível à realização dos seus objectivos, à modernização do beijo de Judas, que é o mais antigo e o mais completo e também o mais repelente símbolo da traição. Hoje, já ninguém se ilude a esse respeito; ninguém pode queixar-se sequer de ser colhido de surpresa.

Não é a ditadura que eles apoiam, mas sim as suas esperanças e os seus objectivos políticos. Eles deixam, sem o pretender, é claro, entrever o seu tortuoso pensamento, o seu sinistro objectivo, declarando que «não lhes podem merecer aplausos muitos dos actos da ditadura, com os quais não têm responsabilidades». Então, em que consiste este apoio, ilustríssimos filhos da Machiavel, senhores Monk de Jaquetot, ali da rua da Barroca?

Um apoio a uma situação quando se lhe nega aplauso à maioria dos seus actos, é bastante precário e incerto; não chega a constituir apoio mas sim uma coisa que prudentemente calamos.

O *Correio da Manhã* quer ser o orientador, o inspirador, o anjo tutelar da situação. Aconselha—diariamente. Ainda ontem afirmava, em carta aberta à situação, que se conspira nos cafés, nos clubes, nas casas particulares, nos jardins e nos teatros. E pedia que tudo seja convenientemente vigiado: que se ponha um polícia em cada café, cada casa particular, cada clube, cada jardim, cada teatro—onde não haja monárquicos. Mete a Maçonaria na lista e pede a prisão dos seus dirigentes e insinua, com depreciativa designação, a captura de elementos operários. Tudo vigiado, tudo perseguido, tudo preso, tudo deportado—tudo menos os monárquicos.

Não pede o polícia para casa do sr. Aires de Ornelas, lugar-tenente do ex-rei, nem para a do sr. Carvalho da Silva, nem para a dos seus senhores do sr. Paiva Couceiro,

## UMA TORPE ESPECULAÇÃO

### A morte de trinta e cinco crianças na América que foi obra de um louco furioso

atribuída, com propósitos caluniosos, pelo "Século" e pela "Voz" a um partidário das ideias avançadas

O *Século*, no seu número de sábado, o dia de descanso dos judeus e do sr. Moisés Amzalak que é, além de semita, um dos proprietários daquele jornal, contava que na cidade de Bath, situada em Inglaterra, uma fera humana fizera voar, por meio de dinamite, uma escola, ficando sob os escombros sepultadas quarenta crianças.

Indignado, O *Século*, sem o honesto propósito de procurar averiguar as causas determinantes daquele tão inútil como monstruoso atentado, procurou, propositadamente, com a raiva cega dum cão hidrófobo, atingir as ideias extremistas, responsabilizando-as pelo que acontecera. Desconhecia, porque o laconismo do telegrama não revelou, quem fora o seu autor, mas classificou-o logo de indivíduo a quem as ideias avançadas, terrivelmente perigosas e dissolventes, transformaram numa autêntica fera, alimentada dos mais negros ódios e movida pelo sinistro objectivo de exterminar o género humano, sem excluir do massacre as crianças que, pelos seus tenros anos, são inocentes e irresponsáveis em todas as sociedades humanas. Este furor canibalístico recorda um pouco o do dilúvio bíblico ordenado por Deus para castigar os homens e que atingiu iniquamente as bestas, os pobres animais, que pela sua bem definida irracionalidade eram, por completo, irresponsáveis e inocentes dos actos humanos que provocaram a cólera divina, excessivamente cruel e fulminante.

O *Século*, numa hora de sinceridade que não tardou em arrepender-se compungido, tinha, há tempos, atacado, com dureza, toda uma larga série de especulações, feitas à sombra da religião e que, com ela, nada tinham, nem deviam ter. Precisava de um pretexto para afirmar em público o seu desejo de pôr-se de bem com o reaccionarismo clerical, e esta explosão serviu-lhe para o efeito. Como em Inglaterra, a religião protestante suplantou as outras, o ex-«órgão das forças vivas» atribuiu logo o atentado ao repúdio pelos ingleses das doutrinas católicas.

O sr. Amzalak é um judeu—um judeu que deseja viver em boa paz com os católicos e daí esse elogio à acção moral do catolicismo, elogio feito com a sinceridade fácil de calcular tratando-se dum muito convicto filho espiritual de Israel.

Era escusada essa atitude servil, porque o tempo dos ódios religiosos já passou e são inúteis todos os esforços que os «hu-

maníssimos» filhos de Loiola façam para os reacender. Não trema, sr. Amzalak, nem se curve numa reverência respeitosa que é a confissão clara do medo atrás de que está possuído. Os homens de fé não lhe tocam por ser judeu. Nem ao senhor, nem a nenhum outro—e esse respeito pela sua vida, essa tolerância pela sua raça e pela sua religião, deve-a exclusivamente aos que souberam bater e derrotar o fanatismo católico, diminuindo-lhe as proporções e destruindo-lhe os efeitos do seu monstruoso furor homicida.

E a prova de que essa tolerância existe está na circunstância de a própria *Voz* ter vindo em seu auxílio transcrevendo as passagens mais odiosas do artigo de O *Século* para as aplaudir, a mãos ambas, entusiasticamente. Chega a ser enternecedora esta aliança da Sinagoga e da Igreja, só para nos atingir, insultar e caluniar!

Unicamente, o absurdo e monstruoso crime de Bath não foi obra dum extremista—Bath não fica na Inglaterra pela simples razão de ser uma das cidades do Estado de Michigan, da Norte America. E lá se vão dum assentada, a sova violenta nas ideias avançadas e a apologia insinuada da religião católica, como esteio da ordem na Inglaterra. A escola de Bath, onde se deu um atentado—era uma escola burguesa, onde se inculcava às crianças a Bíblia, como o único livro que dá do Universo, e, portanto, de todos os até aqui indecifráveis enigmas do Universo, uma explicação completa e dum verdade irrefutável. O tesoureiro da escola, Andrew Kehoe, criatura conservadoríssima para quem a democracia capitalista dos Estados Unidos encerra as mais belas virtudes que têm florescido sobre a terra, e para quem as Sagradas Escrituras merecem o respeito que lhe consagram os mais obsecrados crentes, atacado de loucura, devido a graves dificuldades financeiras, concebeu o sinistro projecto de fazer voar pelos ares a escola, a sua própria casa e de perecer na catástrofe. O director da escola, que pretendeu evitar a explosão, porque notou os maneios do louco, foi também vítima do mesmo acontecimento ao chefe da estação do correio e a uma habitante da cidade que na ocasião passava em frente da escola.

Trinta e cinco crianças e cinco adultos perderam a vida na explosão. A *Voz*, que corrigiu O *Século*, unicamente sobre o país a que pertencia a cidade de Bath, recebeu

os jornais estrangeiros onde vem narrada a catástrofe, mas preferiu, em vez de referir a explosão como se produziu, continuar atribuindo-a às ideias extremistas, a um partidário dessas ideias, porque para ela a calúnia está acima da verdade, e é a arma com que mais fortemente nos pode atingir.

Que asco nos causam estes processos! que alma tenebrosa eles revelam! E são estes indivíduos, defensores duma religião que afirmam de máxima perfeição, porque a consideram a moral mais alta, a justiça mais isenta de baixezas e a verdade sem mancha de paixões sectárias, quem desce clinicamente a esta baixa ignominia de procurar tirar conclusões políticas do gesto dum homem desviado pela mais completa das loucuras, e transformar um doido furioso num defensor dos ideais de emancipação humana.

O autor do atentado tinha a desculpa da sua loucura, o que o irresponsabiliza totalmente; Nemo, nem essa desculpa possui. Não é doido, é mau. Não é um impulsivo a quem a cólera cega, mas um jesuíta, frio, melódicamente frio, que repeliu, por indigna e nefasta, toda a sensibilidade moral e que, com um cinismo confrangedor, diante dum calunioso, dum bem averiguado calunioso, pegou na pena para, sem hesitação, sem um estremecimento de repulsa, a perfilar.

Este Nemo, cujo retrato moral já aqui em tempos traçámos, é um velho inflexível, cuja vontade ferrea, nenhuma palpitação de coração, nenhum sentimento humano consegue torcer ou vergar.

Deve acabar mal. Quando a agonia chegar, arrepender-se há de ter a sua consciência atormentada de remorsos. Pedirá perdão às suas vítimas, mas esse género de arrependimento no limiar de morte, que é habitual nos mais famosos avaros e nos mais inveterados agiotas, a ninguém aproveitará, visto que só chega quando averiguar a sua impotência para continuar agravando e odiando os seus semelhantes.

O *Século* também não rectificou, nem isso está nos seus hábitos. Aquela folha, de imundo passado e de agitado presente, nunca saberá elevar-se até à confissão voluntária dum erro, antes sempre tem mantido todas as infâmias saídas dos seus prelos, porque só uma moral a domina—a do diabo. O Deus do *Século* é o Bezerro de Oiro e os srs. Pereira da Rosa e Moisés Amzalak são seus principais sacerdotes.

## CONFERÊNCIAS

### "A Evolução da Humanidade"

O dr. sr. Santa Rita realiza hoje, à 21 h12 horas, na secção da Universidade Popular Portuguesa instalada no Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, no Campo de Santa Clara, a 2.ª conferência da série sobre «A Evolução da Humanidade», sendo pública a entrada.

### "Psicologia do Trabalho"

É subordinada a este tema a 5.ª e última conferência da série que o dr. sr. João Camoesas tem realizado na secção que a Universidade Popular Portuguesa mantém no Sindicato da Construção Civil.

Esta lição está marcada para a próxima sexta-feira, 27, pelas 21 h12 horas, sendo livre a entrada.

### Sessão de arte

Realiza-se na próxima quinta-feira, 26, uma sessão de arte na sede da Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à rua Almeida e Sousa, constituída por números de canto e recitação, abrindo com uma conferência sobre o poeta João de Deus por um distinto professor do Liceu de Pedro Nunes.

O programa de canto é organizado pelo ilustre maestro Artur Trindade.

O mais recorrente e contumaz dos atacantes do regime à mão armada. Só os monárquicos em liberdade e sem vigilância, arvorados em defensores da situação, da situação que eles apoiam, discordando, no entanto, da maioria dos seus actos.

Que conselho adorável, que fraternal incitamento! O país inabitável para todos os que não sejam filiados nas Juventudes Monárquicas Conservadoras!

E estes espartissimos monárquicos, que em república apoiam uma situação, a-pesar desta os ter atacado, a-pesar desta se declarar integrada no regime, gastam muita tinta em pedir providências contra uma revolução que, se estalar, encontra neles os mais perversos incitadores e, o que é mais grave, os maiores provocadores e os maiores responsáveis.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Quando são favoráveis os ventos...

Caldas da Rainha, aquela vila estreminha que nos fornece preciosos produtos cerâmicos, vai também realizar uma fantochada católica a que por eufemismo se chama procissão. Há muitos anos que não se realiza naquela terra, tão querida de Bordalo Pinheiro, a festa de São João, que dizem ter sido advogado da agricultura.

Durante esse lapso de tempo os reaccionários caldeses não se arrojaram a vir à praça pública de pódio na mão, num gesto grotesco e imbecil, reviver um passado de ignomínia e miséria.

Há doze anos a saída dum procissão originou trágicos acontecimentos nas Caldas da Rainha. Nem mesmo assim os reaccionários emendaram a mão. Já é ter vontade de provocar os sentimentos liberais dum povo.

### A nossa insignificância

Loriga, esse ridículo cantinho da Serra da Estrela, exuberante de vida e de alegria, está convertido num triste cemitério. As suas pequenas habitações são trágicas catacumbas, onde dormem o sono eterno seus filhos. Em poucos dias a fatalidade assolou a região. Primeiramente foi a epidemia do tifo exantemático que apagou da tela da vida, entre outras pessoas, os médicos António Simões Pereira e Joaquim Augusto Amorim da Fonseca, quando se entregavam à árdua missão de combater a epidemia. Duas vítimas da ciência, que sob a digna terra do cemitério ficaram esquecidas para sempre!

Agora foi uma terrível tromba de água que destruiu pontes, fábricas e estradas e, por pouco não arrazou esse rincão que a epidemia cobriu de luto.

Loriga está, pois, coberta de crepes. A sua população chora a perda dos seus filhos, enquanto no resto do globo os homens, de acordo com o momento para outro uma epidemia ou tromba de água nos reduz à máxima das insignificâncias!

### Duas perguntas

Há duas perguntas que não há maneira de encontrarmos resposta, quer da Ideia Nacional quer do *Correio da Manhã*.

—Consideram os monárquicos e integristas a revolução de 28 de Maio e a situação militar dela saída, monárquicas-integristas?

E se as não consideram como aplaudem uma e outra, mistindo pela sua duração por prazo limitado, a-pesar de terem sido hostilizados?

Porque não respondem estes dois a autós

## A PONTE SOBRE O TEJO

### Um grande melhoramento que a insuficiência mental do órgão monárquico não pode alcançar

A's objurgatorias do "Correio da Manhã" vão responder os entendidos

A ponte sobre o Tejo não tem passado dum grande sonho devido à contumaz oposição dos jornais reaccionários e de algumas pessoas a quem o progresso faz cócegas na sensibilidade. Todas as vezes que a opinião pública se inclina para a construção desse grande monumento, essa imprensa vem sempre com a contestação: porque a ponte roubará a beleza do rio, porque a ponte inutilizará o porto de Lisboa, etc, etc.

O projecto daquela empresa espanhola, que se propõe construir a ponte sem encargos para o Estado e que há cinco anos anda transitando de ministério para ministério, está dependente do despacho ministerial. Tem já a aprovação do ministro do Comércio e a sanção dos da Guerra e da Marinha.

Um pouco de boa vontade e uma das aspirações populares converter-se há numa realidade.

Todas as comissões competentes já deram o seu voto. Logo o projecto oferece todas as garantias. Assim com ordens as referidas comissões, que são as únicas entidades com autoridade para o fazer.

No entanto, o *Correio da Manhã*, com a sabedoria de pequena do bairro onde vegeta, pigarreou ontem a propósito da ponte. Não quer que ela se construa. Di-lo ele com a autoridade de engenheiro de via e com a sabedoria de Forastier de pacotilha...

A ponte sobre o Tejo, segundo o órgão do pigarro, não deve ser um facto porque o projecto é de espanhóis e a sua construção empregaria capitais da mesma procedência.

O caso não nos interessa muito. Todavia gostaríamos que a folha da rua da Barroca nos dissesse se há apenas capitais portugueses na Sociedade Estoril, na Companhia Carris de Ferro, na Companhia da Beira Alta, na Companhia dos Telefones e noutras empresas que seria fastidioso apontar.

A ponte sobre o Tejo, porém o mesmo jornal, não pode consentir-se porque construída no local onde pretendem que ela atravesse o Tejo, a corrente do rio tornasse de tal maneira violenta que nenhum barco de carga ou passageiros lhe resistirá.

Isto será a inutilização do porto de Lisboa, em benefício do porto de Vigo?

Como o prova o *Correio da Manhã*? Fazendo essa simples afirmação? Mas isso não é o suficiente.

Se convidássemos o órgão monárquico a tornar concreta a afirmação, ouviríamos, certamente, o seu impertinente pigarrear... Não seria despropositado que aquele matutino nos dissesse se a ponte que liga Brooklyn a Nova York, cuja extensão é de 1.800 metros, inutilizou o porto ou se outras que se encontram espalhadas por esse mundo também deram cabo dos portos, só para beneficiarem o porto de Vigo.

O *Correio da Manhã* não prova nada porque a sua argumentação é óca, pulveriza-se com a facilidade com que destroa bolas de sabão.

Os engenheiros do órgão monárquico, cujos estudos foram feitos na sinagoga do Bairro Alto, não escolheriam argumento mais infeliz do que este de considerar prejudicial para o porto de Lisboa a construção da ponte.

Melhor informação forneceria aos leitores da folha referida o moço das páginas, porque esse ou se calaria ou não preferiria um disparate desses.

Há ainda um último ponto do *Correio da Manhã*: é o de que a ponte no local escolhido reduz a segurança da cidade um tanto ou quanto precária.

Para as crianças de mama é que a afirmação era convincente, porque essas ignoram o papel da aviação.

Agora aqueles que não ignoram a função da chamada quinta arma não vale chamar parvos...

De tudo isto se conclue que a ponte sobre o Tejo vai ser guerreada pelo jornal do sr. Pizarro, talvez por a empresa construtora não ser do seu agrado...

Mas nós que não defendemos interesses de empresas financeiras, mas que queremos contribuir para o debelamento da crise colocando na construção da ponte 4.000 operários, havemos de provar com a opinião dos técnicos que nenhuma das afirmações do *Correio da Manhã* é verdadeira.

E' uma questão de dias. Mas não perderá pela demora.

## ECOS DA REVOLUÇÃO

### As conclusões do inquérito feito ao "Diário de Notícias"

Do *Imparcial* passamos a transcrever, com a devida venia, as conclusões do inquérito feito ao *Diário de Notícias*, acerca da atitude assumida por aquele jornal perante a revolução republicana de Fevereiro:

1.º O *Diário de Notícias*, seguindo uma política nele tradicional e que um dos seus directores classifica de «mão por baixo mão por cima...» (Documento n.º 47), apoiou nos primeiros meses que se seguiram ao seu advento, a situação inaugurada em 28 de Maio, de 1926. Alguns meses antes da revolução de Fevereiro, porque os seus interesses materiais o levaram a isso, retirou esse apoio, tendo organizado uma atitude de oposição e ataque à actual situação, que só não foi mais clara, por motivo da intervenção da Comissão de Censura à Imprensa.

2.º Prova-se que no dia 5 de Fevereiro esteve composta e pronta a ser impressa nas oficinas do *Diário de Notícias* uma forma dum suplemento contendo notícias de extrema gravidade, que levariam a crer no triunfo dos revoltosos do Porto. Este suplemento não foi publicado, porque não foi possível subtrair-lo à acção da Comissão de Censura à Imprensa.

3.º Prova-se que o número do *Diário de Notícias* de 7 de Fevereiro de 1927 inseria uma série de notícias favoráveis aos revoltosos do Porto e que, se não provocaram a eclosão do movimento em Lisboa, decidiram possivelmente um grande número dos seus aderentes.

4.º Prova-se que estas notícias foram intencionalmente dadas com o propósito de serem úteis aos revoltosos.

5.º Prova-se que no dia 7 de Fevereiro de 1927, durante os acontecimentos revolucionários de Lisboa, foi publicado um suplemento do *Diário de Notícias*, composto nas suas oficinas e redigido pelo pessoal do jornal, subordinado primeiro ao director-delegado da empresa e depois a este e ao director-político.

6.º Prova-se que a publicação deste suplemento foi exigida por alguns revolucionários que entraram no jornal sem qualquer espécie de violência, mas que contra a sua exigência nenhuma forma seria empregou o *Diário de Notícias*, que tendesse a evitar essa publicação, tudo levando a crer, e sobretudo a atitude anterior do jornal, que a publicação do suplemento é um facto lógico, sucessão de outros que com o mesmo espírito se vinham desenrolando, de há uns meses até 7 de Fevereiro.

7.º Prova-se que o *Diário de Notícias* durante os acontecimentos de Lisboa e Porto, foram dadas para o exterior notícias falsas e tendenciosas, que provocaram entre outros prejuízos, os graves acontecimentos que em 7 de Fevereiro se desenrolaram na cidade do Setúbal.

8.º Não se prova que a atitude do *Diário de Notícias* tenha sido organizada por motivo de entendimentos com revoltosos ou por acção da Companhia Industrial de Portugal e Colónias.

9.º Prova-se que a Companhia Industrial de Portugal e Colónias tem dentro da empresa do *Diário de Notícias* uma posição accionista dominante.

10.º Não se prova que esta Companhia tenha exercido sobre a orientação política do jornal, influência ou acção destina-las a

servir interesses próprios, lesivos do interesse nacional.

11.º Prova-se que os factos culposos averiguados são da responsabilidade da direcção do jornal, que organizou ou permitiu a organização das suas atitudes, da parte do pessoal cuja acção é descrita neste relatório como colaborador desses factos e, finalmente, da empresa, que tinha à frente do jornal e entre o seu pessoal, indivíduos que não lhe podiam merecer confiança.

Lisboa, 16 de Abril de 1927.

A comissão José Firmino da Veiga Ventura, major; Henrique Carlos Malta Galvão, tenente.

### Um apelo

Do forte de Monsanto escrevem-nos Joaquim Gameiro, guarda da polícia n.º 30, queixando-se de que se encontra preso desde o dia 3 de Fevereiro por ter deixado fugir um preso sem que ainda fosse ouvido. Pede providências em nome das oito pessoas de família que tem a seu cargo, e que devido à sua prisão não têm que comer.

## Um reaccionário anónimo

que pretende implantar, por meio de cartazes grosseiros e estúpidos, a moralidade no lar!

Atravessamos uma quadra de beatismo estúpida: os reaccionários com uma audácia que a indiferença dos seus contrários amplamente justifica, continuam conquistando terreno, e preparando-se para, dentro em pouco, exercerem sobre a nossa vida e a nossa consciência um domínio absoluto. As manifestações da sua actividade multiplicam-se e revelam-se sob os aspectos os mais diversos. Pessoa amiga nos enviou o seguinte cartaz, impresso a letras negras, destinado a ser afixado nos lares onde impera um beatismo grotesco e odioso:

«Atenção: É proibida a entrada nesta casa a mulheres decotadas ou que usem vestidos transparentes ou imoralmente cingidos, manga curta ou saia pelo joelho, ou que se apresentem pintadas, empoadas ou losquidadas, porque tudo isto denuncia sentimentos imorais e é um insulto à pureza do Sagrado Coração de Jesus e ao pudor da mulher honesta.

(Para afixar nas casas onde estiver entronizada a imagem do Sagrado Coração de Jesus e em todas as outras em que os chefes de família ainda compreendem que o pudor é o ornamento mais formoso com que a mulher pode impor-se ao respeito e a admiração dos homens e atrair as bênçãos de Deus.)—Tip. Internacional—R. da Madalena, 149—Lisboa.

Hoje são em grande número as mulheres que simplificaram as suas cabeleiras, não só por moda como o julgaram muitos espíritos superficiais, mas por as necessidades da vida moderna a isso as obrigaram. Lá fora, na maioria dos países, a mulher de cabelos cortados—são todas as mulheres, com excepções que por serem raras não se contam.

Chama-lhe tesquidado o autor do papelão, o que prova, além dum fanático d

ASSINEM Os mistérios do Povo



EFEMERIDES

24 de Maio  
1794.—Os polacos revoltam-se contra a opressão e tirania dos russos.  
1871.—As tropas versalhesas fusilam, em São Sulpício, velhos militares e crianças, como comunistas.  
1901.—Morre o erudito escritor Teixeira Bastos. Além de muitas outras coisas, deixou-nos: «O Jesuita» e o «Progresso do Espírito Humano».  
1903.—Por causa da greve geral dos agricultores, no distrito de Saratov (Rússia), as autoridades militares proclamam o estado de-sítio, havendo grandes distúrbios e exercendo-se a censura à imprensa.  
1912.—Grandes tumultos em Budapest por causa da greve geral.  
1922.—É proclamada a greve geral na Itália, como protesto contra os crimes do maldo fascismo.  
1924.—Por ter sido alvejado a tiro um gerente da Companhia Portugal e Colômbia, a imprensa, a sôdo da Moagem, reclama vingança feroz.

Considerações de sempre

Nunca, como agora se presenciou a miséria que campeia por toda a parte. Nunca como agora se encontra tanta miséria, tanta fome, tanta prostituição como neste tempo que decorre. Miséria moral, miséria material, baixez de carácter, vileza de sentimentos, pensamentos ruins, ódios, más vontades, tudo em suma, é o que se encontra a todo o passo. São crianças que pedem pão, velhos que blasfemam que não se dê um óbulo, mulheres que insultam quando as não compramos. Desde pequeninos que começam a ser farrapos da vida, bocados de carne deitada à rua e assim vegetam, odiando tudo e todos: querendo mal aos que não conhecem, odiando os que lhes não dão. Causam dó, ao mesmo tempo que faz germinar a revolta contra o sistema social que não trata d'esses farrapos humanos que vagabundiam por essas ruas, rindo, chorando, odiando e malquerendo.

Não esboçam um gesto de revolta, não pensam em modificar a sua negregada vida: assim nasceram, assim querem morrer. De tudo o que mais revolta, o que mais corta o coração, são aqueles que deram o melhor do seu esforço, o suor, o seu sangue e a sua vida em prol d'esse estado de coisas, e que é este mesmo estado que os repele, para a miséria os atirou no dia em que mais não lhe pode tirar—os Velhos.

Tristes proletários, que viveram toda a sua vida, numa luta insana, em prol do dia seguinte, sustentando com a sua faina, com o seu suor, o sistema que encontraram e que, como sabem, talvez pensassem em querer modificar. São párias depois de nada mais terem para dar aqueles que mercadejam com o suor alheio. Não pensam em ser felizes e criminosos em crimes, que eles, aqueles velhinhos de longas barbas brancas, foram quem lhes juntou toda a sua fortuna, toda a sua abundância. Não têm sentimentos, como também se não importam em vender o próprio pai ou mãe—tudo é negócio, tudo rende dinheiro. A mulher, a escrava que há milênios pretende emancipar-se, prostitui-se, vende o seu corpo a quem mais dá, tuberculiza-se, tuberculizando a sociedade.

Se há crimes nefandos, se há lama que enoja, a prostituição é o mais nefando dos crimes, é o mais monstruoso dos atentados contra a vida, contra a própria natureza, que manifesta necessidades, mas não, a prostituição, a pior lama lançada sobre aquelas pobres crianças que despertam para a vida, numa ansia louca de viver.

Mas tudo isto não se modifica neste presente estado de coisas. Necessário se torna modificar, isto é, destruir esta sociedade podre e construir uma melhor, dentro da lei natural, onde não existam párias, nem anomalias, que dificultam a marcha da felicidade.

Só numa sociedade construída no princípio natural, salvará este estado de coisas do cataclismo em que nos encontramos. Para isso é necessário consciência, e a consciência adquire-se educando-nos.

Sociedades de Recreio

Grupo Dramático Solidariedade Operária—Reine hoje, pelas 22 horas, o corpo cénico, para tratar de diversos assuntos de interesse.  
Sociedade Instrução Amigos da Infância (Escola Primária)—Proseguiram ante-onhem nesta Escola as festas do seu 21.º aniversário, constando de concerto pela «troupe» excursionista «Os Tinas», sob a regência de Alfredo Teixeira, que executou belo repertório, agradando a toda a assistência.  
A's 21 horas houve baile e quermesse. Domingo continuam as festas.

UM CÍVICO

que soube cumprir o seu dever  
Ontem, de tarde, pretensão subir a freguesia rua das Flores, puxando esforçadamente uma escrota carregada com alguidares de barro, o menor Manuel da Costa Araújo, empregado do comerciante Manuel de Oliveira-Rebello, estabelecido na travessa da Espera, 28.

A polícia que estava ali de serviço, o n.º 279 da 1.ª esquadra, impressionado com os penosos esforços do rapazito e depois de verificar que a carga excedia o que marca a lei, pois atingia o peso de 150 quilos, providenciou imediatamente, obrigando que o freguês se fizesse por duas vezes e mudando o desumano patrão.

Gostosamente registamos este procedimento, em obediência aos ditames da recta justiça a que já mais faltamos.

CRÓNICA DE COIMBRA

“SMART CLUB”

A caverna dourada de Coimbra, aquele antro da perversão mais sôrdida onde os saltadores encasacados à larga proliferam na evidencição dos seus corruptos costumes, é o assunto do dia nesta cidade, o motivo de todas as conversações.

As crónicas que o nosso amigo Pedro Moniz neste jornal tem publicado despertaram a mais viva curiosidade e mereceram à Batalha os mais vivos aplausos pelo desassombro da morderadora campanha.

O «Smart Club», que só é defendido pelos que vivem no vício e do vício, pelos divorciados da moral e pelos que há muito deixaram de possuir sentimentos pundonorosos, está considerado pela gente de bem, por aquela que se preza de ser honrada e nua, viveu do crime, como a primeira escola de degradação humana e o mais fecundo ambiente de escroquerie.

Nesta classificação justíssima está com unanimidade de opinião a população que do seu honrado trabalho vive.

O que o «Smart Club» é já aqui foi dito com toda a verdade e os leitores de A Batalha sabem bem que esta casa de batota em nada difere das suas congêneres de toda a parte.

Este club é como todos os outros uma criminosa raleira, que um número de cavalheiros de indústria aqui armaram com o fim de levarem a desonra a todos os lares e enlamearem quantos se deixam cair, vítimas da febre da roleta, e atraídos pelas mulheres que lá estão a servir de chamariz.

Misto de casa de batota e de lupanar, o «Smart Club» é como que uma nova Calábria, onde se executam assaltos descarados à bolsa dos incautos que até lá são arrastados com os bailados e os cantos das prostitutas, que os seus proprietários importam para esse fim de Lisboa e Porto.

Naquela casa joga-se, e, portanto, rouba-se, com o descaro mais inaudito e com o beneplácito de quem de direito tinha o dever de olhar por estas coisas.

Esse antro vive mesmo com os favores escandalosos que lhe prestam os que estão colocados na alta esfera da governação local, os quais, em vez de mandarem encerrar o foco da pestifera corrupção, determinam a perseguição aos que o denunciam.

O amigo Pedro Moniz está sendo procurado pela polícia, que o pretende prender por ter desvendado neste jornal a grande série de crimes que lá se praticam e teve de se ausentar desta cidade para não pagar o que outros devem.

Este facto vergonhoso obriga-nos a fazer considerações muito a propósito sobre a corrupção moral burguesa que cada vez mais afunda a sociedade capitalista no pântano das suas infâmias.

Os roubos, os escândalos e todo o crime gozam do aplauso e da protecção dos defensores do estado social presente, e nós, os anarquistas, que denunciamos ao povo toda a crápula que caracteriza a organização burguesa, somos perseguidos, como cães leproso.

Até um dia!

Alcínio de CASTRO

DESPORTOS

NO ESTRANGEIRO

Futebol franco-espanhol

PARIS, 23.—No encontro de ontem a «équipe» espanhola de futebol bateu a francesa, por 4 a 1.—(L.)

A taça «Davis»

BRUXELAS, 23.—A Bélgica bateu a Polónia no concurso da taça «Davis».—(L.)

Solidariedade

No próximo dia 11 do corrente, realiza-se no Salão de festas da Construção Civil, uma recita a favor de António José do Lugar, para custeio das despesas que fez com o funeral da sua querida companheira. Subirá a scena o drama «Os Gatunos de Luva Branca» e um acto de Variedades desempenhado pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária. Abrihanta o espectáculo um excelente Grupo Musical.

Os camaradas que queiram adquirir bilhetes podem requisitá-los à Secção dos Estudantes, às terças e sextas-feiras.

Já está à venda na nossa administração

La verdad sobre Jesus

por HAN RYNER

Conferência—controvérsia, realizada em 31 de Março de 1926, no Grande Salão das «Sociétés Savantes» de Paris.—Tradução espanhola de Elzalde com um desenho na capa de Shunui.—Preço 1500.—A' venda na administração de A Batalha.

MOVIMENTO MARITIMO

Entraram ontem no nosso porto os vapores ingleses «Avelona», de Londres e Bologne, com 10 passageiros para Lisboa, 29 em trânsito; alemão «Staldeck», de Hamburgo e Porto, ambos com carga diversa; «Cervene», de Hamburgo, com gazolina; «Lutzow», de Genova, Barcelona, Argel e Malaga, em lastro; «Dalsfien», de Antuérpia, com «rails», oírâncês «Duraneau», de Rotterdam, com carvão.

Despacharam para sair os vapores ingleses «Avelona», para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires com passageiros; «Staffa», para Londres; alemão «Rolandseck», para Hamburgo; norueguês «Blafilsen», para Kuldaly, todos com carga diversa; veleiro português «Orion», para a pesca do bacalhau na Terra Nova; francês «Grebe», Saint Pierre e Mequelon, com sal.

A guerra na China

O que se diz no parlamento inglês

LONDRES, 23.—Tendo o deputado trabalhista Kenworthy perguntado, hoje, na Câmara dos Comuns, ao sr. Chamberlain, se as autoridades inglesas no Yangtsé estavam ou não intervindo sobre o uso de material ferroviário para transporte das tropas sulistas de Xan-Kai-Xeque nas suas operações contra os sulistas, sendo assim, se procederá de igual forma na hipótese de uma tentativa de forças sulistas para atravessar aquele rio, o ministro respondeu que, as linhas férreas de Xangai e de Nanquim estão hipotecadas a entidades inglesas não suendo outro tanto às de Tsien-Tsiene-Pink.—(L.)

AINDA A SEMANA DA CRIANÇA

Decorreram com muita animação as últimas comemorações desta jornada educativa

Realizou-se em Marinha Grande, na última sexta-feira, uma sessão comemorativa da Semana da Criança.

Presidiu o engenheiro sivilcultor sr. Paulo Brito, secretariado pelos professores primários D. Bárbara Araújo e Luciano Sanchez.

O sr. presidente depois de ter traçado o perfil dos oradores e de referir-se com palavras de grande simpatia, à festa da «Semana da Criança» deu a palavra ao académico Mário Sanches, que começou referindo-se à obra do professorado primário.

Historia um pouco, o que tem sido o trilhado da Escola, citando os nomes de Jean Jacques Rousseau, João de Deus e Castilho, como grandes inovadores que foram.

Gomes Belo, professor em Marinha Grande, diz que a história da pedagogia tem marcado a sua evolução através dos tempos. Por isso mesmo o ensino de hoje difere bastante do tempo, em que se ensinava por um sistema fêrreo e anacrónico. O Rotineirismo foi posto de lado, para dar lugar a uma instrução que é ministrada, obedecendo às regras da moderna pedagogia.

A escola de hoje, prossegue o orador, já não é aquela em que a criança era obrigada a aprender, sobre prévio e determinados aspectos.

A escola de hoje, não é o viveiro de pagagais. A escola de hoje, um pouco consciente da sua missão, esforça-se por ministrar à criança uma instrução sã, a par de uma educação que a habilite a entrar na vida prática, disposta e preparada para o embate tremendo da existência.

Por isso mesmo, uma nova concepção surge fulgurante e bela, na hora que passa, que é a colaboração do médico na escola primária popular.

E por que devemos ter extremo cuidado com o ser tenro que nos confiam e que constitui a matéria do futuro. Porém, senhor presidente e meus senhores, nós constatamos que os pais ao entregarem seus filhos aos cuidados dos professores, jamais se importam com os seus triunfos, com o que fazem adentro da Escola.

Em seguida, o sr. Manuel da Silva, delegado da Liga de Acção Educativa, depois de expor as bases preliminares do seu discurso e de saldar, não só o professorado da Marinha, como também os seus habitantes, começa por se referir a vários problemas sociais que à escola estão estreitamente ligados.

E em tom de palestra, começa por dizer: —Nós, os professores, a quem confiam a instrução dos vossos filhos, queremos ter uma melhor preparação, porque a escola popular é a base, o alicerce do edificio social.

Os nossos governos têm-se interessado mais pelo ensino superior que pelo primário. Enquanto proporcionam ao outro todas as facilidades, deixam que a Escola Primária não passe de um pardieiro imundo, que tuberculiza e define a criança.

Assim, nós verificamos que toda esta desordem, todas estas retaliações, são filhos d'esse erro formidando. E' porque acontece às vezes os governos, ao quererem fazer obra boa, e descendo ao seio do povo, não encontram nele o apoio, por assim dizer a base, com que deviam erguer a obra projectada.

E assim, surge-nos um edificio vistoso, mas não obstante os seus alicerces são incapazes de sustentar a obra. Assim, ela acaba por decair, ela acaba por perecer.

Queremos, com a «Semana da Criança», outro nome poderia ela ter—amenizar o vendaval das paixões, ensinando a criança a amar e estimar o próximo, com um conceito seguro de solidariedade.

Porque é muito bonito ver as crianças visitarem os hospitalizados, dando-lhes um simples objecto a síntese dum florir mais viçoso dum idea de bondade. Mas a criança, da Escola não vai visitar a do hospital ou do casebre dando-lhe uma esmola que seria vexatória, mas sim para que comecem amando a paz e concórdia e, quando adultos, saibam unir-se num amplexo de Fraternidade e Amor.

Porisso, esta ideia da «Semana da Criança» estima os crentes e os não crentes, os políticos ou anti-políticos e ainda os apolíticos.

A «Semana da Criança» é assim uma lição transcendente, que vai preparar a criança para os mais rasgados vãos da actividade humana e também para que ela venha amanhã a poder constituir uma sociedade perfeita.

Reportando-se a vários factos, cita, como o primeiro orador, a acção grandiosa de Lutero, e depois passa a referir-se ao interesse que o estrangeiro dispensa a todos os ramos da pedagogia. Na França, na Suíça, na Itália, na Hungria, depois de resolvida a questão infantil, os governos olharam para a massa adulta, proporcionando-lhe diversões que regalam e retemperam o espirito, tais como os desportos, o teatro, etc., etc.

Nestes países em que a percentagem é realmente diminuta não se luta contra a barreira pavorosa dum número fantástico de 75 % de analfabetos. Mas não julguéis que é somente preciso ser instruído. E' necessário que a instrução e educação formem uma liga inquebrantável, constituam uma massa solidificada pelos clares da inteligência. Porque—quantas vezes acontece—o homem mal educado oferece-nos maiores perigos que o próprio ignorante.

E' por isso urgente, conclue Manuel da Silva, que todas as colectividades se reúnam num só bloco, para conseguirem com um esforço e acção inteligentes a construção dum edificio escolar modelo. Se em Marinha Grande há 1200 crianças em idade escolar e apenas a um terço é ministrada a instrução, devemos esforçar-nos por aquilatar esse paradoxo.

Na Escola Primária n.º 21

Realizou-se na Escola n.º 21 a festa da «Semana da Criança», que constou de sessão solene presidida pela directora D. Palmira Antónia Dias, secretariada pelo presidente da Junta da Freguesia da Encarnação, pelo vogal da mesma Junta sr. Alvaro Oscar e pelos professores sr. D. Palmira Franco e Celestino da Mata.

Falou o professor Brito Guterres enaltecendo a instrução e a educação e agradecendo em seguida, em nome de todos os professores e alunos, o carinho com que a Junta tem olhado pelas crianças das duas freguesias a o donativo que nesse dia fez para o lanche dos mesmos alunos e que constou de sanduiches, frutas e bolos.

O presidente da Junta, falando, incitou os professores primários a continuarem o seu trabalho para bem da instrução.

Seguiu-se o recital, pelos mesmos alunos, exposição de trabalhos escolares e distribuição de lanche.

Em Tires

Terminaram em Tires as festas da «Semana da Criança».

No passado domingo realizou-se um jantar de confraternização das crianças da escola daquela localidade, tomando parte nele cerca de 130 crianças.

A seguir realizou-se uma sessão solene na qual fizeram uso da palavra Quirino Moreira, D. Aurora Crespo, Artur Sabido e outros que se referiram ao valor moral da «Semana da Criança», sendo muito aplaudidos.

A's 18 horas teve lugar a recita infantil, sendo os amadores muito aplaudidos.

EM GOUVEIA

Ainda continua encerrado o Ateneu de Educação Popular

SÃO PAIO, 20.—O caso do Ateneu de Educação Popular, há dias mandado encerrar pelas autoridades, ainda não está resolvido, contra o que se esperava.

São falsas, falsíssimas as acusações formuladas pelos inimigos do Ateneu, movidos mais por odio mesquinho ou por interesses inconscientes, do que por outra coisa.

Lá não se conspirou, não se fez nada que pudesse ferir as instituições, nem se preparavam jornais clandestinos. Os sócios ocupavam-se a instruir-se e a recrear-se, por meio de recitas, por meio de música e instrução, tendo já havido uma aula de primeiras letras. Pensava-se até, à data do encerramento, em requerer ao ministro da Instrução um professor móvel.

Pois, apesar de tudo, o caso ainda não está solucionado, continuando as chaves em poder do administrador do conselho e sendo dirigidas ao sr. Artur Gaspar Lenior que legitimamente as reclamava e continua reclamando até que se faça justiça.

Consta que, no facto, andam influências de algumas criaturas abastadas e industriais de São Paio, que não gostariam do Ateneu, talvez por que ele é dos humildes, dos explorados que tão desdenhamamente são explorados.

Custa a crer que haja, no coração humano, tanto odio por aqueles que são os factores principais de todo o progresso e de toda a riqueza e apenas têm de seu os braços para trabalhar, quando há saúde para isso. Custa a crer que, depois de os sujeitarem às mais pesadas condições de vida material, lhes destruam e lhes neguem o recreio, a alegria, a instrução, o pão do espirito, destruindo ou combatendo as suas instituições educativas!—C.

Falecimento de um priso

Na enfermaria do Limoeiro faleceu ontem o priso Manuel Santos, do Fundão, filho de João Santos e de Maria de Jesus, de 45 anos, torçeiro, que desde 9 de Dezembro do ano findo estava preso por vários delitos, aguardando julgamento.

Associação de Jardins-Escolas

João de Deus

No Museu João de Deus, Avenida Pedro Alvares Cabral (3.ª Estrela), continua aberta a matrícula, todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, para as pessoas que desejem habilitar-se para ensinar pelo método João de Deus.

Este curso será aberto logo que haja número suficiente de alunos, que serão avisados para comparecerem.

Arquivo do Enfermeiro

Publicação mensal de conhecimentos de enfermagem e pequena cirurgia; útil a todos.

Assinaturas trimestre 6500—Anual 2500. Pedidos à administração de A Batalha.

Lisboa trágica

Curativos no Banco

No Banco do Hospital de São José receberam curativo e não ficaram hospitalizados:

Júlia Silva, 37 anos, residente na avenida Gomes Pereira, 97-2, que na rua da Palma foi colhida pelo automóvel S 2378, ficando ferida na cabeça.

Zulmira Santos, 48 anos, residente na rua Antero Quental, 9, 2.ª, que próximo da residência foi colhida por uma bicicleta, ficando ferida na cara.

Januário Bastos, 23 anos, vendedor ambulante, residente na rua de Sete Rios, 45, que caiu dum muro, no Alto de Sete Moínhos, ficando contuso pelo corpo.

Aníbal de Almeida, 23 anos, pedreiro, residente na rua Marquês Ponte de Lima, 30-3.ª, E. que no domingo, envolveu-se em desordem com outros indivíduos, em Calçada, sendo agredido à pedrada, ficando ferido na cabeça.

Quando fugia ao perigo...

Na Sala de Observações do Hospital de São José deu entrada o descarregador de mar e terra, Emilio Conceição Costa, 42 anos, residente na rua Costa Pimenta, 8, que, ontem, pelas 13 horas, no cais da C. U. F., em Alcântara, porque o comboio começasse marchando sem ele esperar e para evitar de ser colhido, atirou-se para fora do seu alance, resultando ficar ferido no torax.

Vítima duma explosão de dinamite

Na enfermaria de Santo António, do Hospital de São José, deu entrada João Baptista Quaresma, 50 anos, trabalhador, natural e residente em Aldeia Nova de São Bento, conselho de Serpa, que no domingo, andando por meio de cartuchos de dinamite, a destruir umas capias, próximo da sua residência, um dos cartuchos explodiu, inesperadamente, deixando-o muito ferido na mão ante-braco direito. Ontem, pelas 14 horas, recolheu ao hospital.

Atropelamento

Na Sala de Observações do Hospital de São José, deu entrada António Vicente, 35 anos, natural de Carregal do Sal, residente na rua Pedro Dias, 21, carpinteiro, que ao atravessar o Rossio, foi colhido por um automóvel que o deixou ferido no ventre.

Queda mortal

Na enfermaria de Santo António do Hospital de São José, faleceu José Lopes Pica, aquele garoto que, como noticiámos, caiu no sábado em Sines, dum muro. O cadáver recolheu à casa mortuária do Hospital de São José.

Na Morgue

Na Morgue deram entrada os cadáveres de: Henriqueta de Jesus, 70 anos, residente na rua Possidónio da Silva, 71, 4.ª, que no sábado se suicidou.

—António Almeida Santos, 18 anos, fumeiro, residente na rua dos Finados, 25, 1.ª, que se suicidou em Alcântara-mar.

Publicações recebidas

Arquivo do Enfermeiro

Acaba de ser posto à venda o n.º 11 do Arquivo do Enfermeiro, interessante revista de assuntos de enfermagem, referente ao mês de Maio. O número agora publicado inseriu um belo artigo sobre Assistência Social do Dr. Costa Sacadura. A sífilis, o indivíduo e o Estado, O Banco do Hospital de São José, Assistência e protecção aos emigrantes, além de vários assuntos de interesse para os enfermeiros.

Revista Insular e de Turismo

Foi posto à venda o n.º 7 da «Revista Insular e de Turismo», dirigida por Carlos d'Ornellas.

O número que se apresenta bem colaborado, traz o seguinte sumário:

Capa—O Túmulo de Alexandre Herculano (nos Jerónimos); «O 9 de Abril», homenagem aos que se bateram pela Pátria, por Carlos d'Ornellas, «Antero do Quental», «Os estudantes do Porto e a sua visita às ilhas da Madeira e Açores», «Elegâncias», da redacção; «A Ilha Terceira» e «Havia uma avózinha» (sonetos) por D. Henriqueta Gomes da Costa, «Lisboa-Huelva-Sevilha», pelo engenheiro Manuel de Melo Sampaio, «Notas do Mês», por Tacitus, «Do Alga», por Carlos Alberto Soares da Costa, «Da Rádio. Telefonia à Rádio Telegrafia», da redacção, «Teófilo Braga», por Guilherme de Moraes, «A Aviação», por Isidro Costa, «O Grémio dos Açores», «Tauro-maquia e Teatros», da redacção.

«Arquitectura»

Recebemos o n.º 5 desta revista mensal, dirigida por Francisco Costa. O sumário deste número é o seguinte:

A arquitectura e o Regionalismo—arq. Luis Cristino da Silva; A linguagem hieroglífica da velha arquitectura egípcia—E. Thomas; Arquitectura fenícia; das origens da arquitectura; Lampião—arq. Cottinelli Telmo; XXIV Salão de Belas Artes; Tratado Prático de Perspectiva—Leandro Calderon; O Ensino Artístico em Portugal—S. P. D.

«Culmine»

Recebemos os números 21-22 de Culmine, semanário anarquista que, em língua italiana, se publica em Buenos Aires, Argentina. Os números que temos presente, n.º 21 edição, dedicam-se à evocação do Primeiro de Maio, mas vibra a defesa da liberdade e na afirmação do seu idealismo.

E' um jornal bem colaborado e aboradado todas as questões de doutrina, de espirito e de actualidade, sendo ilustrado com muita arte.

A sua linguagem é equilibrada, eloquente e desassomburada, sem hiperbolismo, emfim. Culmine é um jornal digno de ser tomado para modelo de publicações revolucionárias. A sua direcção é: Severino D'Giovanni, Posta Restante Sursul 8, Calle Rivadavia, 2535, Buenos Aires.

A EPOPEIA DO TRABALHO

—POR—

Ferreira de Castro, com desenhos de Roberto Nobre

Esplêndido livro, que é um verdadeiro hino ao Trabalho, com dezenas de gravuras. A' venda nas livrarias, ao preço de 6500 e, acobrança, de 7500.

Pedidos à Livraria Renascença, de J. Cardoso, editor, Rua dos Poiais de São Bento, 27 e 29 e à Administração de A Batalha, calçada 47 Coimbra, 33-A, 2.ª—Lisboa—Portugal.

MARCO POSTAL

Coimbra.—André Fernandes da Silva.—Os exemplares do jornal *Tempos Nuevos*, comemorativo do 1.º de Maio, para si enviados, são para distribuição gratuita.

José Pedro Lourenço.—O jornal vai para a nova direcção.

TEATROS

MUSICA

CINEMAS

SALÃO FOZ

A «Dança Oriental»

Poloskaya, a bailarina russa que está trabalhando nas «matinées» e nas «soirées» do Foz, estreou ontem um novo bailado. Intitula-se «Dansa Oriental».

Continua a revista «Secretário dos Amantes», e especialmente o seu novo quadro «Triste Fado» a obter entusiásticos resultados.

No «écran», exhibe-se o «film» em 8 partes «Amor de criança».

COLISEU

A estreia, depois de amanhã, da grande Companhia de Revistas

E' já depois de amanhã que faz a sua estreia, no Coliseu dos Recreios, a grande Companhia de Revistas que leva à scena o «Foot-Ball», em duas sessões e a preços populares, com novos números a que está reservado, certamente, o maior sucesso.

Da grande Companhia fazem parte elementos de grande valor, um grupo de 40 coristas e um corpo de baile composto por 12 interessantes bailarinas.

Além de Carlos Leal, Alberto Ghira e Zulmira Miranda, a grande, apreciada e popular cantadeira de fados, estão também incluídas no elenco a notável atriz Ema de Oliveira, uma das «estrêlas» do teatro de revistas, Deolinda de Macedo e Alvaro Pereira, a quem está confiado um engraçadíssimo papel.

EDEN-TEATRO

«Cozido à Portuguesa»

Para que prossigam, com toda a actividade, de dia e de noite, os ensaios da nova peça, não há hoje espectáculo no Eden Teatro, subindo, ali, à scena, no começo de Junho, a revista «Cozido à Portuguesa», original de Lino Ferreira, Silva Tavares, Lopo Lauer, Xavier de Magalhães e Lourenço Rodrigues. A nova revista será apresentada com todo o aparato que exige e os seus ensaios estão sendo dirigidos pelo distinto actor-cantor Almeida Cruz.

Espectáculos de hoje

TEATROS—A's 21,30—«O perigo Amarelo».

São Luís—A's 21,30—«Bairro Alto».

Teindade—A's 21,15—«Os dois maridos da senhora».

Variedades—A's 20,30 e 22,30—«A Sagrada Família».

Avenida—A's 21,30—«O bom ladrão».

Salão Foz—A's 15 e 21—«Secretário dos amantes».

Joaquim de Almeida—A's 20 e 21—Cinema e variedades.

CINEMAS

Chiado Terrace.—Todas as noites animatógrafo.

Tivoli.—Todas as noites animatógrafo.

Salão Olimpia.—Todos os dias das 2,30 da tarde às 12,30 da noite. Sessões consecutivas de animatógrafo e concerto musical.—Rua dos Condes.

Jardim Zoológico.—Exposição de animais.

Teatro do Gimmásio

Telefone T. 914

Direcção de GIL FERREIRA

HOJE: HOJE

A COMEDIA FARCA

O PERIGO

AMARELO

BILHETES Á VENDA

Obras de Zola

A Taberna..... 12500  
Tereza Raquin..... 5800  
Alegria de viver (2 vol.)..... 8900  
A conquista de Plassans, (2 vol.)..... 8500  
Fecundidade..... 20500  
A fortuna dos Rougons, (2 vol.)..... 8500  
Uma página de amor..... 9500  
Dr. Pascal..... 8500

Obras de Vitor Hugo

França e Bélgica..... 10500  
O Reno (2 vol.)..... 15800  
Os Miseráveis (2 grossos vol.)..... 40500  
ilustrados, encadernados.....

A' venda na administração de A BATALHA

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em janeiro, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 30 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço, avulso de 150.

Aos assinantes que desejem adquirir quantidade ler-se-á um suplemento de 50 por cento em pacotes de 50 lotes.

Publica a administração de A BATALHA

Edições de A SEMENTEIRA

Práticas neo-maltusianas..... 3500  
O sentido em que somos anarquistas..... 3500  
A peste religiosa..... 3500  
A liberdade..... 3500  
A internacional (música e letra)..... 3500  
Pedidos à A BATALHA su no Caiso Sodré, 88

TIVOLI

A's 21 horas e 15 minutos

A Versão Cinematográfica de um romance celebre:

A Castela do Libano

de PIERRE BENOIT

Super-film em 2 jornadas (completo) com o trágico Iran, Petronilla, Riquette Marchal, Choura Milne, Marcel Sauer, Camille Bert, Gaston Monod

Realização de MARCO DE GASTINE

«A Castela do Libano», precedida de uma Cine-Farça, começará a passar às 21 horas e 15 minutos, preenchendo todo o programa.—Orquestra sob a direcção do Maestro NICOLINO MILANO.

A Castela do Libano

O capitão Domvra, convescente em Beyrouth, está para casar com Michelle Henequith, a filha de um companheiro de armas, que é apresentado à Condessa Orloff, a Castela do Libano, de fascinante beleza.

...A Castela recebe na sua residência sua esposa, a elite da sociedade siria. Domvra, nomeado pelo governo francês para uma tarefa de confiança, vê-se envolvido numa rede de ordens de delicadeza e de honra. A paixão destruiu e a Castela é uma criatura que se serve de todos os meios para conseguir os seus fins.

«A Castela do Libano», film pre-iado entre as grandes produções francesas de 1916, apresenta sobranceira a paixão da vida e da Paletina; scene de emoção e de mistério. Um super-film de realização genial.



## CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria tais como: edificações, reparações, fimepas, construção de fornos em todos os gêneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:  
Calçada do Gombos, 38-R. 2.

## ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços resumidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55  
Tabacaria e Kiosque

## FABRICA

ciadilhos, mosaicos, azulejos, cimento

GOARMON & C.ª

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244—LISBOA—

## Obras de Eça de Queiroz

O crime do Padre Amaro.....	18\$00
O primo Basílio.....	15\$00
O Mandarim.....	8\$00
Os Maias (2 vol.).....	28\$00
A Relíquia.....	15\$60
A Cidade e as Serras.....	12\$00
Frade e Mendigos.....	9\$00
Casa Ramires.....	15\$00
Prosa Bárbara.....	10\$00
Ecos de Paris.....	9\$00
Cartas Familiares.....	9\$00
Cartas de Inglaterra.....	9\$00
Minas de Salomão.....	9\$00
Notas Contemporâneas.....	15\$00
Últimas páginas.....	15\$00
Contos.....	15\$00

A' venda na administração  
de "A Batalha"

## Companhia de Seguros "A Luzitana"

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 300 CONTOS

Sede: Avenida da Liberdade, 28—LISBOA

Assembleia Geral Extraordinária

Convoca a Assembleia Geral Extraordinária a reunir no dia 11 de Junho pelas 14 horas, na sede da Companhia, sendo a ordem do dia:

Apresentar a situação da Companhia, deliberar acerca da sua liquidação e nomear os liquidadores em conformidade com os artigos 46 e 47 dos Estatutos e 130 a 135 do Código Comercial.

Lisboa, 23 de Maio de 1927.

O Presidente,  
António dos Santos Viegas.

## Por Julião Quintinha

Vizinhos do Mar.....	8\$00
Calvalhada do Sonho.....	8\$00
Terras de Fogo.....	8\$00
Dor vitoriosa (novelela).....	2\$50

## Por Ferreira de Castro

Sangue Negro.....	2\$50
Sendas de Lirismo e de Amor.....	3\$00
A Peregrinação do Mundo Novo.....	6\$00
F. Castro e E. Frias — A Boca da Esfinge.....	8\$00

A' venda na administração  
de "A Batalha"

## TUDO AOS MONTES



(A todos interessa)

Pórtio, Coimbra, Braga, Algarve, Alentejo, Ilhas, Brasil, Índia, Loanda, Moçambique, Congo, Guiné, etc.

Não tem agentes a casa

FREIRE, NEM QUERE, PREFERINDO DIRECTAMENTE aos fregueses pelos preços 40% mais baratos que o que os agentes levam e mais: PAGAM aos pedidos directos para serem bem servidos e rápido a GRANDE FABRICA onde se fazem todas as chapas e que foram para sempre e letras esmaltadas para ruas, estabelecimentos, etc., embreiras lindas e parafusos para Sports, clubes, medalhas para corrijas (anéis de Barro), Giletes mais baratas. Estojos de metal branco com máquina e lâmina Gillette. Espalhas, máquinas para cortar cabelo, máquinas de 4 rolos para as senhoras. Tesouras finas superiores e 140 que outros vendem a 2400 e cunetas de tinta permanente com pena de ouro a 140, que os outros vendem pelo dobro, canivetes, CANIBOS, numeradores a tinta, a repulcra o número até 12 vezes, ditos para cheques e para o plectro o número e com data, adios em branco para as Juntas Paroquiais, câmaras e repartições, sinetes para lacre e roupa, etc., alcaites de selar, marcas a fogo, etiquetas de metal para sacarias, fichas de metal para jogos, caixas, fabricas, etc. Esses lindos anéis a Freire, em aço e ouro com braço e monogramas, canhões importados da Portugal, chapas e letras para marcas canivetes e pregos, lâmpadas e instalações electricas, lequeiros e pedras, etc., etc. UNICA na Europa completa. — A. L. Freire, 158 a 164, R. do Ouro — Telef. 3889, C. — Pegam a cobrança para tudo lhe se remeter.

Cooperativa Lisboense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

INSTITUTO POLICLINICO DA ESTEFANIA

Largo D. Estefania, 6, 1.º — Telefones N. 3435

CORPO CLINICO — DOCTORES

A. de Almeida Rocha — Clínica geral — às 14 h.

António de Carvalho — Pele e sífilis — às 18 h.

Berta de Moraes — Doenças das senhoras — às 14 h. 12 h.

Carlos Guerra — Clínica médica — Doenças do coração e pulmões — às 12 h.

Domingos Dias — Doenças da boca e dentes — Prótese — Doenças tropicais — às 17 h. 12 h.

Fernando Waddington — Raio X — Electricidade médica.

Heitor da Fonseca — Clínica médica — Doenças do estômago, intestinos e fígado — às 13 h.

J. Pais de Laranjeira — Doença dos rins e vias urinárias — às 11 h.

José Salazar Carreira — Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem médica — às 10 h. e 12.

Lopes de Andrade — Doenças dos olhos — às 17 h. 12 h.

Pedro Roberto Chaves — Análises clínicas.

Teodomiro Almeida de Carvalho — Cirurgia, operações — às 16 h.

SE DEVEM AO

HERPETOL

Unicorâmido eficaz para as doenças do PELE

Esta criança foi torturada por uma forte comichão. Depois de ter usado várias pomadas e outros ingredientes, que aos pais aconselhavam, resolveram consultar o médico, o qual recebeu um frasco de HERPETOL.

pele, que tinha a aparência escamosa muito irritada, tornando a criança a um permanente coçar, logo as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sensivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.

E' recomendado em todos os casos de eczema humido e seco, manchas, erupções, espinhas e mordeduras de insectos.

A' venda em todas as farmácias e R. da Prata, 35, Lisboa — e R. das Flores, 153, Pórtio.

A' venda na administração

de "A Batalha"

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

## ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MEN. SAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

## A MUNDIAL

Companhia de Seguros Sede — Rua Garrett, 95 LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

IMPORTANTE: Mediante um ligeiro sôbre-prémio, A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da DOENÇA E INVALIDEZ

## NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis

## CITROËN

(Palhinha amarela)

## Cooperativa Lisboense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

## INSTITUTO POLICLINICO DA ESTEFANIA

Largo D. Estefania, 6, 1.º — Telefones N. 3435

CORPO CLINICO — DOCTORES

A. de Almeida Rocha — Clínica geral — às 14 h.

António de Carvalho — Pele e sífilis — às 18 h.

Berta de Moraes — Doenças das senhoras — às 14 h. 12 h.

Carlos Guerra — Clínica médica — Doenças do coração e pulmões — às 12 h.

Domingos Dias — Doenças da boca e dentes — Prótese — Doenças tropicais — às 17 h. 12 h.

Fernando Waddington — Raio X — Electricidade médica.

Heitor da Fonseca — Clínica médica — Doenças do estômago, intestinos e fígado — às 13 h.

J. Pais de Laranjeira — Doença dos rins e vias urinárias — às 11 h.

José Salazar Carreira — Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem médica — às 10 h. e 12.

Lopes de Andrade — Doenças dos olhos — às 17 h. 12 h.

Pedro Roberto Chaves — Análises clínicas.

Teodomiro Almeida de Carvalho — Cirurgia, operações — às 16 h.

SE DEVEM AO

HERPETOL

Unicorâmido eficaz para as doenças do PELE

Esta criança foi torturada por uma forte comichão. Depois de ter usado várias pomadas e outros ingredientes, que aos pais aconselhavam, resolveram consultar o médico, o qual recebeu um frasco de HERPETOL.

pele, que tinha a aparência escamosa muito irritada, tornando a criança a um permanente coçar, logo as primeiras aplicações do HERPETOL sentiu-se sensivelmente aliviada, e antes de terminado um frasco todas as manifestações haviam desaparecido.

E' recomendado em todos os casos de eczema humido e seco, manchas, erupções, espinhas e mordeduras de insectos.

A' venda em todas as farmácias e R. da Prata, 35, Lisboa — e R. das Flores, 153, Pórtio.

A' venda na administração

de "A Batalha"

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

no Funchal vende-se

no BUREAU DE LA

PRESSE

## Grande Loteria de Santo António

A 18 de Junho

2:000.000\$00

A' venda bilhetes a 520 escudos,

meios a 260 escudos e décimos

a 52 escudos e quadragésimos

a 13 escudos, pelo correio mais

um escudo

Enviam-se bilhetes a todos os compradores

Casa de Cambio

D. E. GOUVEIA & SILVA

Suc. Manuel Alves da Silva Neves

84 — Rua da Assunção — 86

(PROXIMO A' RUA DO OURO)

## PARTEIRA

Judite Silva

Tele. Norte 5433

Rua Alves Correia, 197, 1.º D.to

(Antiga Rua São José)

CONSULTAS sobre gravidez e faltas

de menstruação. Das 12 às 9 da noite.

Recebe clientes em casa.

## Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões — Dr. Armando

Narciso — A's 5 horas.

Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 h.

Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 10 h.

Pele e sífilis — Dr. Correia Figueiredo — 11 e às 5 h.

Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 2 h.

Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 3 h.

Garganta, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.

Estômago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 h.

Doenças das senhoras — Dr. C. Afonso — 2 h.

Doenças das crianças — Dr. Filipe Manso — 12 h.

Tratamento de diabete — Dr. Ernesto Romão — 3 h.

Boca e dentes — Dr. Armando Lima — 10 horas.

Cancro eradio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.

Raio X — Dr. Aleu Saldanha — 4 horas.

Análises — D. Gabriela Besto — 4 horas.

## POLICLINICA POPULAR

Rua Moraes Soares, 114



# A BATALHA

Uma só coisa pode dar à vida humana o seu verdadeiro sentido e a sua verdadeira dignidade: a energia do bem, energia que só se adquire pela própria prática do bem — BLAKIE



## EXERCÍCIO DE FARMÁCIA

**No Ateneu Comercial de Coimbra realizou-se uma importante sessão, sendo tratado o momentoso problema**

O momentoso assunto que é o movimento de protesto dos profissionais de farmácia de todo o país contra o decreto 13.470 está, e continuará estando, na ordem do dia.

De norte a sul os ajudantes de farmácia se agitam pugnando pelos seus direitos olvidados e redobrando de esforços na luta empreendida a favor das suas regalias cercadas.

Esse movimento que há um mês se iniciou vai assumindo cada vez maior vulto e importância à medida que os interessados se capacitam do alto valor que representa a sua união e se dispõem a enveredar pela senda que lhes poderá dar a vitória.

Nas sedes de todos os núcleos, por esse país fora, as reuniões, as assembleias magnas, têm-se sucedido umas após outras, de todas elas saindo assente a necessidade do protesto se intensificar.

Seguindo o exemplo do que já sucedeu em outras localidades, a Associação dos Profissionais de Farmácia da área dos distritos de Leiria, Guarda, Vizeu, Coimbra e Aveiro, com sede na penúltima destas cidades, resolveu convocar uma reunião magna dos ajudantes de farmácia da sua área, que se efectuou no passado domingo, dia 22, na sede do Ateneu Comercial de Coimbra, a fim de ser analisado em conjunto o decreto referido e deliberar sobre a atitude mais coerente a assumir.

A esta reunião que havia já sido antecipadamente anunciada e estava marcada para as 15 horas, assistiram quatro delegados de Lisboa, vindos aqui na passagem de regresso de Braga aonde foram com igual missão.

Passadas já as 16 horas e com a presença da totalidade dos empregados de farmácia de Coimbra e várias delegações de outros pontos, sobre o estrado o sr. Franklin da Costa Leite, que dá início aos trabalhos começando por expor os motivos da reunião e salientando a necessidade de uma forte união dos empregados de farmácia.

Por sua proposta é a seguir constituída a mesa, que fica presidida pelo sr. António Joaquim Esteves, de Lisboa, secretariado pelos srs. Salvador Rodrigues e José Lourenço Junior.

**O valor da organização sindical**

Ultimada esta praxe, o primeiro orador inscrito continua fazendo uso da palavra iniciando uma breve história da sua acção no movimento associativo, que vai ilustrando com a referência a factos passados. Criticando depois a forma atabalhoada do protesto tem sido organizado no sul, visto que não é a competente organização de classe quem o norteia, faz a calorosa apologia da organização sindical e afirma que só por ela se poderá conseguir neste caso, e em todos, algo de proveitoso para os que são forçados a protestar.

Lembra a necessidade do esquecimento dos interesses individuais para que se possa, somente, atender aos colectivos e diz não estar presente para fazer valer o projecto de Emílio Fragoço ou o de Alfredo Pereira.

Antes de defender a necessidade de se pugnar por um diploma ministerial que salvaguarde os direitos da numerosa classe a que pertence, que não esqueça as circunstâncias devesas críticas em que todos vivem e que trate com o mesmo carinho a questão de salário que não deve ser, no presente movimento, esquecida.

Em final do seu discurso alude à indispensabilidade de um congresso nacional dos empregados de farmácia que está já sendo organizado pela Associação desta cidade e ao qual é urgente que todos deem o prestímo concurso.

O sr. Branco Lisboa, delegado da Comissão de Defesa dos Interesses dos Empregados de Farmácia de Lisboa, principia por descrever os antecedentes da questão que agora se agita e prossegue por largo tempo na descrição das delícias feitas pela citada comissão para que fosse revogado o decreto n.º 13.470.

A recheia a história que faz das consequências «demarches», cita as várias conferências com o ministro da Instrução e Direcção Geral de Saúde e lê a cópia da petição enviada ao ministro, que merece dos assistentes fortes aplausos.

Para esclarecimento, lê também alguns períodos do projecto Emílio Fragoço, em que os quais fundamenta a sua opinião de que ele nada prejudica os empregados de farmácia com a obrigatoriedade do curso, pois que ele se poderá levar a cabo sem o abandono da sua profissão.

Em resposta ao orador antecedente, afirma que não são eles (a Comissão de Defesa) quem se afasta do espírito colectivo, mas sim a própria Associação de Lisboa.

Procede à leitura das bases publicadas no órgão corporativo *Arcado*, que conquistam novos aplausos, e depois dos esclarecimentos que lhes acrescenta, dá por findo o uso da sua palavra.

**O curso de auxiliares de farmácia**

A seguir, fala o sr. Regatão, que abre as suas considerações com a declaração de que o momento não é para discursos, mas sim para acção.

Declara que não fala nem como patrão nem como empregado, pois que nenhuma destas coisas é, conquanto tivesse sido a última durante alguns anos, mas como delegado da Comissão já citada.

Faz sciente os presentes de que é só o seu amor pela colectividade que o move e lamenta que as associações de classe se tenham esquecido da força que são quando bem orientadas e ataca-as por terem sido elas que se divorciaram da acção que a Comissão anda realizando, negando-lhe a cooperação.

Considerando-a parvoíce e bastante vaga, combate a ideia do Curso de Auxiliares de Farmácia defendida pelo Pórtio.

Refere que o ministro acaba justas as reclamações da Comissão e espalha-se no relato de algumas palavras daquele senhor.

Alude ao espírito de sindicalismo que o anima — a ele, orador — e diz, referindo-se ao protesto que urge intensificar: «e se não se formular o protesto, resta, como única atitude digna, os ajudantes eslecionados encerrarem as suas farmácias de

## NO REGIME CAPITALISTA

**A grave situação industrial na Rússia**

A desocupação foi sempre um mal endémico e crescente no sistema capitalista. Os pensadores haviam determinado, como axioma, que se tornava impossível extinguir o mal, enquanto o capitalismo dominasse, sob qualquer das suas formas, seja particular, seja do Estado.

As massas do Ocidente foram iludidas, e continuam sendo iludidas, com o mito da revolução bolchevista. Mas chegou a hora de, reunindo-se toda a variedade de elementos, se dar conta de que o regime em que as grandes propriedades e as indústrias estão nas mãos do Estado — o que quer dizer que se estatizaram, não se socializaram — é apenas uma forma avançada do capitalismo.

Sob a ditadura bolchevista, o trabalho encontra-se, como sob a ditadura plutocrática ou burguesa, sujeito ao sistema da oferta e da procura, à lei do mito, às flutuações do mercado, e de igual modo se considera o trabalho uma mercadoria que se compra e se vende.

Teoricamente, os governantes comunistas suprimiram as classes; praticamente, porém, não deixaram existir na Rússia a luta de classes — com algumas diferenças — tal como sucede em França ou Estados Unidos, pois os mais ducis têm a probabilidade de se enriquecer em prejuízo dos produtores.

Da presumida revolução social ficou pouco a classe trabalhadora. Agora, claramente, apenas se percebe a realidade de uma mudança de regime político com rudimentar alteração do antigo sistema. O trabalhador sente fome e é explorado pela burguesia internacional cujo dogma é o capitalismo de Estado.

A *Nep* reforçou o regime do salariato e as crises periódicas das indústrias e da agricultura — que deixam sem trabalho centos de milhares de operários e milhões de seres na miséria — produzem-se na Rússia com o mesmo ritmo sentido na Europa burguesa.

A forçada inatividade é tão evidente que o próprio relatório oficial do comissariado de Moscovo o reconhece. E certo que os bolchevistas adoptam medidas inteligentes para a combater; serão, todavia, inúteis, porque o desemprego está ligado à essência do regime e, como dizíamos, à existência inteira do capitalismo.

A forçada inatividade na Rússia tem grande importância se a estudarmos dentro da sua economia, considerando as condições de trabalho como particulares ao proletariado russo e tendo em conta a pobre população dos campos.

Nas campainhas russas existe uma grande quantidade de mão-de-obra que não se emprega e que periodicamente afliu às cidades, criando um desemprego nas indústrias que não tem solução possível durante largos anos, dada a escassez de capitais na indústria russa, que impede um desenvolvimento paralelo à superabundância da mão-de-obra e das necessidades técnicas-industriais de todo o país.

Na Rússia, o trabalhador industrial está fortemente ligado à terra, e a separação da mão-de-obra industrial e da mão-de-obra rural, se existe, é escassa e confunde-se facilmente.

O número de trabalhadores ocupados na indústria russa tem sido:

1914, 2.667.000; 1915, 2.641.000; 1916, 2.622.000; 1917, 3.024.000; 1918, 2.486.000; 1919, 2.035.000; 1920-21, 1.480.000; 1921-22, 1.243.000; 1922-23, 1.445.000; 1923-24, 1.620.000; 1924-25, 1.942.000.

Os operários empregados unicamente nas indústrias do Estado eram:

1923-24, 1.262.849; 1924-25, 1.514.000; outubro de 1925, 1.837.000.

Calculando as outras indústrias em fins de 1925, o número de operários industriais foi de 2.357.000.

Nota-se, pois, no desenvolvimento industrial, um forte aumento da gente ocupada, desde 1921-22, mas não atingiu o nível de antes-da-guerra: ano de 1914.

João LAZARTE

## QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

**A obra das mutualidades**

Numa extensa carta, plena de frases indignadas contra a injustiça de que foi vítima, queixa-se-nos o operário João Sousa do procedimento da Mutualidade Portuguesa que não lhe pagou três horas de trabalho que perdeu em virtude de ter sido ferido nos olhos quando exercia o seu mister.

Como este há inúmeros casos que atestam numa maneira clara a falta de atenção que aquela companhia tem pelos sinistrados de quem recebe uma continha calada.

motu próprio, antes que a isso sejam forçados pela lei.

Afirma que o sr. ministro espera uma atitude enérgica dos interessados para atender as suas reclamações e que essa atitude só pode ser a dos estabelecidos fecharem as suas portas e virem para a rua na defesa dos seus direitos.

Opõe-se à realização dum congresso para tratar do assunto que agora os movimentos, dado que muito morosa se tornaria a sua preparação, não resultando proveitoso para o momento, por consequência.

O sr. Branco Lisboa acrescenta novos subsídios para o esclarecimento de alguns pontos referidos.

**Uma moção que provoca grande celeuma**

A seguir fala o sr. Parreira Branco, também delegado da Comissão de Defesa, que ao referir-se à sua acção no Pórtio relata o que de contrariedades lhe foi levantado e afirma ser, naquela cidade, o maior inimigo dos empregados, o sr. Telo da Fonseca. Franklin da Costa Leite lê o comunicado dos empregados do Pórtio e destes faz depois a leitura.

Concretizando os seus desejos e modo de ver que supõe serem os da associação do centro, apresenta uma moção que conclui por fazer sentir a necessidade de pedir a imediata suspensão do decreto e a preparação do congresso nacional dos auxiliares de farmácia com o fim de estudar o novo exercício de

## EM S. BRÁS DE ALPORTEL

**O grande liberal Bernardo de Passos, última duma : : afonia reaccionária : :**

S. BRÁS DE ALPORTEL, 22. A indignação popular aumenta, dia-a-dia. Os jornais da capital, principalmente *A Batalha*, são procurados aqui avidamente.

Os sambracenses, com toda a justiça, são um povo nobre, um povo liberal, que não consente o domínio do despotismo jesuítico.

Pobre trindade jesuítica municipal, em que maus lençóis vos lançou os vossos instintos perversos!

Vejam os leitores, agora, mais uma vilania que o presidente *landru*, J. Saraiiva, pretende pôr em execução. Com receio duma maior inactivação pública, originada no ultraje à memória do propagandista anticlerical Bernardo de Passos (pai), tirando-lhe o nome à rua onde a maior parte da sua vida viveu e onde morreu, resolveu dar-lhe o nome de Luís de Camões!!!

Líbia de Tartufo! Como se toda a população sambracense não visse nesta resolução o jogo dos seus instintos miseráveis!

A substituição do nome de Bernardo de Passos pelo de Luís de Camões representa, toda a gente assim o pensa, mais do que uma vilzeza sagaz, torpe, repugnante: equívale mesmo a uma dupla afonia à memória do ilustre morto sambracense e a um atentado vexatório contra a glória daquele que foi e é ainda o maior dos poetas portugueses: Luís de Camões.

Já não bastava o facto criminoso da substituição do nome da rua Bernardo de Passos. Era preciso ainda diminuir-lo (como se isto fosse possível) colocando em seu lugar o nome de Luís de Camões!!!

Os clericais são exímios na malandrice! Depois, vejam os leitores a pouca concepção que este santíssima trindade tem do valor do extraordinário poeta, para lhe darem uma rua que é das piores da terra!

Camões, que merece a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo, seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratitude, a ignorância, a torpeza (vil desta gente miserável).

Luís de Camões, presidente Saraiiva (ou presidente *landru* como já lhe chama o vulgo) merecia mais do que a rua Bernardo de Passos, como homenagem. Merecia uma Avenida decente, se a houvesse, e até mesmo todas as ruas do concelho, se tal fosse possível.

De tudo isto, fácil é concluir-se que o que domina esta trindade jesuítica é, por crassa ignorância e por malvezes íntima de clericais esfomeados, uma vontade viperina de amesquinhar o grande jornalista anticlerical, o grande apóstolo do liberalismo, o grande poeta que foi Bernardo de Passos (pai).

Muita razão tem, pois, o povo liberal desta terra, ao revoltar-se contra semelhante resolução camarária, exigindo desta a consideração e o respeito por aqueles que pela sua obra, pelo seu talento, pelo seu valor, merecem justos preitos de homenagem.

A última hora, meia dúzia de amigos do poeta sambracense abriram uma subscrição, que foi rapidamente coberta, para a compra duma chapa grande com o nome de Bernardo de Passos (pai).

Se a Câmara persistir na sua irredutibilidade com a vontade popular e a monstrosidade consumar-se, sem que o nosso grito de protesto se faça ouvir por quem de direito; se J. Saraiiva, o estulto jesuíta, cadastrado, por mil e um actos que o revelam uma nulidade em matéria administrativa, actos que havemos de ventilar, se casos estranhos não surgirem; se não resolver voltar ao silêncio da sua insignificância e estupidice, como é da vontade do povo sambracense, e a sua acção imbecilmente reaccionária e negativa se prolongar a chapa de Bernardo de Passos, cá fica guardada carinhosamente, para um dia ser afixada no seu devido lugar, festivamente, entre aclamações do povo liberal, que respeta a memória daquele que foi seu pai espiritual.

E esse dia não há de vir longe, creio, para bem do liberalismo esmagado criminosamente pelas hostes reaccionárias, que dominam neste cantinho da beira-serra algarvia, contra a vontade unânime do povo alportelense! — E.

EL QUINTO EVANGELIO

por HAN RYNER

A nossa Administração acaba de receber alguns exemplares desta obra, editada em espanhol, satisfazendo todos os pedidos acompanhados da respectiva importância. Preço: 8800. Pelo correio: 8850.

Esta promoção levanta grande celeuma e provoca mal entendidos que quasi ocasionam um conflito, visto que os delegados de Lisboa se preparam para abandonar a sala como protesto contra uma frase considerada ofensiva, o que não chegou a fazer por virtude da numerosa assembleia se ter erguido a reiterar-lhes a confiança e a ovacioná-los.

A discussão adquire o máximo calor e cada qual defende sua opinião com entusiasmo.

O tumulto aumenta até que o sr. Gilberto Alves pergunta à assembleia se concorda com o apoio incondicional a dar aos delegados da Comissão de Defesa, de Lisboa, e faz assim apressar o termo dos trabalhos.

Em resposta a tal pergunta uma salva de palmas reboou afirmando a concordância da maioria com o apoio, e assinala a reprobção da moção do sr. Franklin.

Este, como declarações finais, torna público que deixa de estar à frente da comissão encarregada de tratar deste assunto, mas que se reserva o direito de continuar trabalhando pela abolição do decreto 13.470, individualmente.

Foi depois encerrada a reunião pelas 20 horas, e ficou, como resultado dos seus trabalhos, nomeada uma comissão composta pelos srs. Salvador Rodrigues, António Duarte Coelho, Armando Joaquim Faria, de Coimbra; e José Lourenço Junior, da Figueira da Foz, que trabalhará de acordo com a Comissão de Lisboa.

## Sobre organização

**A socialização intensiva dos povos**

Concomitantemente com as tendências e evoluções sociais expostas, a história indica-nos ainda outra evolução não menos importante e incontestável: a da socialização intensiva dos povos, isto é, a tendência dos indivíduos se integrarem na sociedade, deixando de ser pessoas mutiladas ou exercendo exclusivamente só uma função social e desconhecendo, sendo alheios, a todas as demais funções que constituem o todo social.

Como já dissemos, nos primórdios das sociedades, a homogeneidade prevalecia sobre a heterogeneidade; um só organismo desempenhava todas as rudimentaríssimas funções e só havia uma profissão. Depois veio a natural diferenciação de funções e profissões e a correlativa diferenciação de órgãos criando-se para cada uma um órgão especial, cujo tecido é a respectiva profissão, e cuja célula é a aptidão, isto é, o indivíduo agindo e actuando por meio da sua aptidão tornada energia social.

Mas operando-se esta diferenciação num momento em que paralelamente se intensificava o poder político, o regime autoritário dos chefes, com a sua hierarquia e divisão de classes e castas, teve como resultado o exagêro levado ao último ponto em que o indivíduo que exercia uma função social não podia exercer outra, como na exagerada divisão técnica do trabalho se chega ao ponto dos operários só saberem fazer peças, fragmentos dum todo e não sabermos fazer uma obra completa.

Este regime que só utilizava parte das actividades, dos indivíduos, tinha como consequência a criação de certas individualidades especializadas, intermediárias, das quais dependiam todos os outros indivíduos, todas as outras castas e quem nascia dentro duma dessas castas profissionais jamais poderia pensar em transitar para outra.

Os indivíduos eram educados fragmentariamente, ensinando-se-lhes a só observar uma infima parte do todo, em vez duma bela visão do conjunto universal.

E como uma sociedade não pode perfeccionar-se sem que todas as suas funções se efectuem, surgiu naturalmente a dependência, não confundir com a solidariedade — duns indivíduos pelos outros, arvorando-se uns superiores aos outros, criando-se as chamadas altas e baixas posições, as profissões vis e as liberais, as dos mandados e dos mandantes, a dos governantes e dos governados, etc.

Aqueles que diziam exercer uma profissão elevada arrogavam a si privilégios e isenções.

Das privilegiadas entre as privilegiadas, e, aparte a das fortunas, duas castas houve que usaram e abusaram e que ainda abusam deste regime de autoridade, condição essencial da sua existência e sob o qual atingiram o máximo de preponderância e de riqueza e que se podem conglobar na classe chamada dos intelectuais: uma foi a dos que explicavam as causas dos fenómenos, a dos felicitadores, das águas, dos astrólogos, dos sacerdotes, dos padres, depois dos alquimistas e dos físicos e mais tarde dos sábios, dos homens de ciência, incomparáveis, dentro da sua aristocracia, da sua elite, do seu escol, com os da chamada baixa condição; a outra foi a dos que pretendidamente defendiam os agrupamentos sociais dos ataques externos, dos outros agrupamentos, e que mantinham ou julgavam manter ainda a sua independência, — e a dos militares, dos chefes, dos reis, dos soberanos, dos políticos profissionais, que, dentro da sua torre de marfim chamada Estado, se consideram superiores à grei, à ralé, à rua e que, despresivelmente, fazem o favor, o grande sacrifício, (que ninguém lhes encomenda) de governar essa canalha, essa sêcia de ingratos...

E para se conservarem nesse equilíbrio instável, nessa posição artificial, apenas consentida pela ignorância das massas populares e pela força e pela violência política e militarista dos luminares da política, as duas citadas classes arquitetaram uma instrução, uma mentirosa educação em que os seres humanos são acintosamente mutilados, em que apenas se faz um ensino parcial, tendencioso e incompletíssimo e em que o essencial ao indivíduo lhe é sonegado e o entretem em coisas inúteis.

Mercê duma escola cara e má, os indivíduos, na sua grandíssima maioria nada sabem e o que sabem é mal e inconsequente; não entram de posse de todos os conhecimentos, nem se desenvolvem todas as aptidões e actividades. Assim os indivíduos não são capazes de exercer todas as funções sociais a que têm direito. Por desconhecimento, por falta de exercício, e aparte uma das funções sociais que lhes ensinaram incompletamente, no restante são verdadeiras incapacidades e nulidades sociais. E quem não exerce todos os seus direitos é um escravo, como aquele que não cumpre todas as suas obrigações é um parasita.

É esta incapacidade que os impossibilita de exercer directamente todas as funções sociais, todas as suas actividades e energias sociais que cria e mantém as supraditas castas, — que arrogam o si o desempenho das funções que a maioria não sabe ou julga não saber desempenhar. Essas castas servem então de intermediários, de especialistas que se fazem valer autoritariamente e em quem as maiorias delegam, por uma pseudo incompetência, por uma modestia mal compreendida ou por um torpor mental, — as funções, os encargos que, dinamizados, só a elas competem exercer.

Os intermediários, quer entre a multidão ignorante e uma divindade imaginária ou uma ciência oculta, misteriosa e privilegiada, — o padre e o empirico grosseiro; — quer entre os indivíduos, os órgãos e organismos sociais amesquinhados, ignorantes dos seus direitos e sem o treino de os exercer eficazmente, o chefe, o político, impõem-se, então como indispensáveis, como seres imprescindíveis e num abuso, numa covardia solerte, eles exploram a fraqueza aparente das multidões.

Mas chegados ao limite da máxima elasticidade social, em que as leis sociais já se negam a condescender com o artifício e a ser contrariadas, a evolução social, a que se opera constante e progressivamente no fundo e na substância das sociedades e que caminha sempre para a frente, destruindo todos os obstáculos tende a cercar-lhes a acção, a prescindir da sua intervenção e cada vez mais eles vão perdendo o terreno em que parasitam, a ingerência, o mando.

## CRONICA DO ESTRANGEIRO

**O jogo bélico da plutocracia internacional**

Paris, Maio. — Cada vez mais se mostram no horizonte os perigos duma nova guerra. Sabe o fascismo que não lhe é possível obter a concordância e a pacificação dos ânimos, mas também sabe que a burguesia, no caso de uma guerra nacionalista, acobertaria melhor o regime fascista. A prova do que dizemos encontra-se no último incidente de Corfú, em que toda a imprensa burguesa, sem se exceptuar a imprensa republicana de oposição, se manifestou de acordo com o governo, a-pesar do insucesso da sua expedição naval, que batia em retirada precipitada ante os protestos e as ameaças dos ingleses.

Agora, o fascismo está reconciliado com a Inglaterra, parecendo até servir o imperialismo britânico com um apoio não constringido na luta contra a Turquia, a Rússia e a China.

O governo fascista confia de uma guerra a solução dos problemas internos, todos os problemas internos, todos os dias mais graves. Com esse objectivo se fazem na Itália, febrilmente, sucessivos armamentos bélicos: todo o interesse pela aeronáutica militar e civil deve ter o único fim de tolher à França a supremacia da aviação militar.

Centenas de milhões do orçamento do Estado são aplicados profusamente nas despesas militares. Fábricas de armas e munições são reabertas; nos confins são construídas trincheiras e fortificações; todos os anos se efectuam grandes manobras. A instrução premilitar da juventude, afecta à milícia nacional, fornece necessariamente milhares de soldados já preparados para uma súbita mobilização.

Tais são as perspectivas que, sob o regime fascista, se oferecem aos trabalhadores — a fome e a guerra. Neste jogo da plutocracia internacional, é a Itália, todavia, a cúmplice do capitalismo: goza fartamente o largo benefício de salários reduzidos e deseja levanamente a guerra, negócio de ouro da alta-banca.

Vítor DAVID

**Noticiário telegráfico**

**A travessia do Atlântico**

PARIS, 23. — Continuam as manifestações ao aviator Lindbergh. Ontem à noite uma enorme multidão dirigiu-se à embaixada dos Estados Unidos, onde se encontrava lindbergh, prodigalizando-lhe ovações. O aeronauta teve de aparecer às janelas do palácio para agradecer.

Durante a manifestação ficaram muitas pessoas feridas, tendo de recolher algumas ao hospital em estado grave.

O governo francês vai agradecer com a Gran-Cruz da Legião de Honra o aviator Lindbergh. — (L.)

**NOVA YORK, 23. —** O presidente Coolidge agradecendo as felicitações do presidente Domergue pelo «raid» de Lindbergh declara tomar parte na grande dor da França pela perda de Nungesser e Colli, ajuntando que o progresso da aviação se deve em grande parte ao génio francês. — (L.)

**S. JOÃO DA TERRA NOVA, 23. —** O aviator italiano De Pinedo, devido às más condições atmosféricas, adiou para hoje de manôh o seu voo para os Açores. — (L.)

**BERLIM, 23. —** A única nota discordante no coro de louvores ao feito aereo do Lindbergh, é dado pelos técnicos alemães que afirmam não ser fácil e Lindbergh ou a qualquer outro aviator repetir o «raid» Nova York-Paris agora efectuados por circunstâncias ocasionais de tempo. — (L.)

**Várias notícias**

**BONN, 23. —** Celebrou-se ontem o centenario de Beethoven, assistindo a todos os actos o sr. Herriot, representando o governo francês, o embaixador dos soviéticos, o ministro da Austria, Marx, etc. — (L.)

**CHERBURGO, 23. —** A esquadra francesa recebeu ordem de concentrar-se no porto de Cherburgo, no dia 26 do corrente, a fim de partir para a sua visita a Portsmouth. — (L.)

**LONDRES, 23. —** Os aviadores ingleses Carr e Guilmann, que estão tentando o «raid» Londres-India, sem escala foram recolhidos a 85 milhas de Banderabas em consequência do seu avião ter sofrido uma pane. — (L.)

**PARIS, 23. —** «L'humanité» publica um telegrama datado de Vladivostok, do deputado comunista Douriot anunciando o seu regresso à França para defender-se das acusações feitas pelo governo francês acerca da sua acção na China. — (L.)

**LONDRES, 23. —** O governo de Moscovia está retirando pouco a pouco do Banco de Inglaterra as barras de ouro que ali tem depositadas. — (L.)

**CRISE DE TRABALHO**

**Na indústria da Construção Civil**

Para um assunto urgente reúne-se hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa da Bolsa de Trabalho da Construção Civil, pedindo-se a comparência de todos os seus membros.

**Reclamações ferroviárias**

Foi reaberto o Sindicato do Sul e Sueste

A Comissão delegada da Federação Ferroviária e do Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste, depois de várias demarches, conseguiu que o sr. ministro do Interior ordenasse a reabertura do Sindicato dos ferroviários do Sul e Sueste, o qual desde ante ontem se encontra aberto.

A Comissão continuará hoje as suas demarches sobre os assuntos que interessam a classe ferroviária.

## Sciência e Religião

Na *Batalha* de 20 de maio, li um artigo sob o título: *Sciência e Religião*, em que se critica um outro sob o mesmo título, publicado na *Gazeta* desta cidade. Muito bem.

Mas, nem só isto que li na *Batalha*, é suficiente para refutar o que dizia o autor daquele outro, na *Gazeta de Coimbra*.

Vi, por exemplo, que, caindo em várias contradições, dizia o colaborador da *Gazeta*, a certa altura: «Religião e Sciência, podem viver unidas; o sentimento religioso não se opõe à Sciência, e esta àquele».

Torna-se, porém, necessário esclarecer que, durante muitos anos, a Igreja fez uma guerra cerrada contra as sucessivas verdades científicas demonstradas, condenando-as como perigosas, falsas, e contrárias aos preceitos dos livros sagrados, e condenando, por este motivo, os seus autores, à fôrça, à fogueira e ao cárcere, como mistificadores, preiuros e herejes.

Convenham notar que a luta travada entre a Igreja e a Sciência durou anos bastantes, e que só à custa de inúmeros sacrifícios, conseguiram aqueles a quem chamo os mártires da Sciência, como Giordano Bruno, Galileu, Copérnico e tantos outros, o êxito das suas descobertas, que, depois de terem definitivamente entrado na convicção dos povos, arrazaram por completo a muralha, em que se enclausuravam os doutores da Igreja.

Não hesitou a Igreja, após isto, em voltar à lica com a Sciência e com a mais ousada e petulante das suas atitudes de soberania. Sabe-se que, hoje, vindo-se fortemente batidos pela força da razão, acabam os seus doutores por declarar, que nunca a Igreja poderia ter investido de encontro às descobertas da Sciência, pois que elas se encontravam já enunciadas nos livros sagrados.

E assim, buscam por meio de interpretações forçadas dos preceitos dos livros santos, fazer demonstrações, que só aparentemente são irrefutáveis, naquele sentido.

O contrário, porém, nos prova a sucessão histórica dos factos.

O autor do referido artigo da *Gazeta*, dizia também:

«O ateu está condenado a passar por toda a espécie de servidão, escravo... escravo dos instintos, dos apetites mais vis, desde tão baixo, que se lhe apaga a luz da Razão. Chega a ofuscar-se-lhe a inteligência a tal ponto que compreende que só ele pode ser Deus.»

Vejamos:

«Quem estará, na verdade, condenado a passar por toda a espécie de escravidão? O ateu, que pode pensar e decidir livremente, e a quem repugna, pela sua condição de ser racional e inteligente, aceitar a existência da Divindade, que nada tem de intuitivo e nem é facto susceptível duma demonstração clara e evidente, ou esse cavalheiro e os que como ele pensam, aceitando automaticamente e sem discussão, a existência de Deus, figura ideal, produto do delírio de um homem, onnipotente e onisciente, perante quem se curvam, servil e timidamente?»

Quem será escravo de seus instintos? O ateu, que, não aceitando a existência de Deus, não crê com toda a força da razão, na criação do Universo, do homem, etc, pela intervenção divina, colocando-se, logicamente na dúvida, e buscando, entretanto, sempre, pelo auxílio da sua inteligência uma explicação razoável, — ou aquele cavalheiro, que, como todo o indivíduo em cujos actos o instinto se sobrepõe à vontade e à inteligência, e que, como todo aquele que obedece ao instinto, é pelo instinto irresistivelmente levado à satisfação bestial dos seus prazeres, se arrasta, sem pensar, sem raciocinar, sem perscrutar a verdade, aos pés duma divindade, figura de tirano e de carasco?